

Planos de aula / Geografia / 4º ano / Conexões e escalas

Comunidades tradicionais e seus territórios

Por: Julliana Rodrigues / 03 de Abril de 2019

Código: **GEO4_06UND09**

Sobre o Plano

Este plano de aula foi produzido pelo Time de Autores de Nova Escola

Professor: Julliana Rodrigues

Mentor: Lilian Agliardi

Especialista: Judith Maida

Assessor pedagógico: Laercio Furquim


Ano: 4ºano


Unidade temática: Conexões e escalas


Objeto(s) de aprendizagem: Investigar como vivem algumas comunidades tradicionais do Brasil e descobrir a importância do território para esses povos.

Habilidade(s) da Base: (EF04GE06) Identificar e descrever territórios étnico-culturais existentes no Brasil, tais como terras indígenas e de comunidades remanescentes de quilombos, reconhecendo a legitimidade da demarcação desses territórios.


Materiais complementares

 **Documento**
GEO4_06UND09 - Ação Propositiva_ Caiçaras
<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/zAYTQSkpFvTEF8e8xNb2am5xTuBmYj4Mghk2JvcXqCvMk24asxZcXg8zY62g/geo4-06und09-acao-propositiva-caicaras.pdf>

 **Documento**
GEO4_06UND09 - Ação Propositiva_ Comunidades de fundo de pasto
<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/CRsXawA3WbpHPg7DvXteTjfnVvkEGK8mqav8ZTdJxpFHZW4EyF7a8mF69PSgf/geo4-06und09-acao-propositiva-comunidades-de-fundo-de-pasto.pdf>

 **Documento**
GEO4_06UND09 - Ação Propositiva_ Faxinalenses
<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/gTU8TM4dtW5vKGXNJ6GnE8tfFNhDuYwWxhNbXw6aueQWnVqcUsm4gVTWwNh8/geo4-06und09-acao-propositiva-faxinalenses.pdf>

 **Documento**
GEO4_06UND09 - Ação Propositiva_ Quebradeiras de babaçu
<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/buzSCy9XEAj5sTwWMRE9f5w9Gv79uv9ffCMTaFj8b9mhknvugKqfEYXHK8/geo4-06und09-acao-propositiva-quebradeiras-de-babacu.pdf>

 **Documento**
GEO4_06UND09 - Ação Propositiva_ Seringueiros
<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/5dHNSs5CjbfhJsjVftr5gpJqXjxEyxb9whb8cum84xAjdZyEShfkz8tMXZ/geo4-06und09-acao-propositiva-seringueiros.pdf>

Comunidades tradicionais e seus territórios

Slide 1 Sobre este plano

Este *slide* em específico não deve ser apresentado para os alunos, ele apenas resume o conteúdo da aula para que você, professor, possa se planejar.

Sobre este plano: Ele está previsto para ser realizado em uma aula de 50 minutos. Serão abordados aspectos que fazem parte do trabalho com a habilidade EF04GE06 de Geografia, que consta na BNCC. Como a habilidade deve ser desenvolvida ao longo de todo o ano, você observará que ela não será contemplada em sua totalidade nessa aula e que as propostas podem ter continuidade em aulas subsequentes.

Os *slides* que fazem parte deste material podem ser projetados para os alunos, impressos para serem entregues às crianças ou, na falta desses recursos, é possível escrever no quadro alguns pontos importantes da aula, como o tema ou a problematização, por exemplo.

Materiais necessários: Projetor para exibir os *slides* que fazem parte dessa aula e material complementar.

Material complementar:

Comunidade de fundo de pasto (Ação Propositiva)

- <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/CRsXawA3WbpHPg7DvXt06und09-acao-propositiva-comunidades-de-fundo-de-pasto.pdf>

Quebradeiras de coco babaçu (Ação Propositiva) -

<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/buzSCy9XEaj5sTwWMRE06und09-acao-propositiva-quebradeiras-de-babacu.pdf>

Caiçaras (Ação Propositiva) -

<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/zAYTQSkpFvTEF8e8xNbZ06und09-acao-propositiva-caiçaras.pdf>

Seringueiros (Ação Propositiva) -

<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/5dHNSs5CjJbfffJsiVftcR5g06und09-acao-propositiva-seringueiros.pdf>

Faxinalenses (Ação Propositiva) -

<https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/gTU8TM4dtW5vKGXNJ606und09-acao-propositiva-faxinalenses.pdf>

Para você saber mais:

Povos e Comunidades Tradicionais. *Ministério do Meio Ambiente*. Disponível em:

<<http://www.mma.gov.br/desenvolvimento-rural/terras-ind%C3%A9genas,-povos-e->

Comunidades tradicionais e seus territórios

Ano: **4º ano do Ensino Fundamental**

Objetivo(s) de aprendizagem: **Investigar como vivem algumas comunidades tradicionais do Brasil e descobrir a importância do território para esses povos.**

Habilidade(s) da BNCC: **(EF04GE06) Identificar e descrever territórios étnico-culturais existentes no Brasil, tais como terras indígenas e de comunidades remanescentes de quilombos, reconhecendo a legitimidade da demarcação desses territórios.**

Comunidades tradicionais e seus territórios

[comunidades-tradicionais](#)>. Acesso em: 01 mar 2019.

Comunidades ou Populações Tradicionais .

Instituto Eco Brasil. Disponível em:

<<http://www.ecobrasil.eco.br/noticias-rodape/1272-comunidades-ou-populacoes-tradicionais>>. Acesso em: 01 mar 2019.

Acesse também os links disponíveis como fonte nos materiais complementares.

Comunidades tradicionais e seus territórios

Slide 2 Tema da aula

Tempo sugerido: 3 minutos

Orientações: Projete e leia o tema da aula aos alunos. Explique que nessa aula eles conhecerão algumas comunidades tradicionais do Brasil e a relação delas com o território onde vivem.

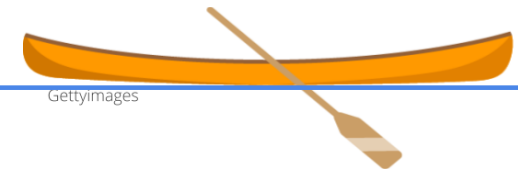
Comunidades tradicionais e seus territórios

Slide 3 Contextualização

Tempo sugerido: 5 minutos

Orientações: Leia com a turma o texto do *slide* explique brevemente o que são comunidades tradicionais, exemplificando com algumas das diversas comunidades tradicionais existentes no Brasil.

Comunidades tradicionais são povos que cultivam tradições e costumes muito específicos. Geralmente seu modo de viver e seu sustento estão bastante ligados ao lugar onde vivem, à natureza e às características físicas da região.



Comunidades tradicionais e seus territórios

Slide 4 Problematização

Tempo sugerido: 3 minutos

Orientações: Leia com os alunos a pergunta do *slide*. Deixe que as crianças levantem hipóteses sobre o assunto, compartilhando com a turma suas ideias, opiniões e conhecimentos prévios.

**Será que todas as
comunidades
tradicionais vivem da
mesma forma ?**

Comunidades tradicionais e seus territórios

Slide 5 Ação Propositiva

Tempo sugerido: 24 minutos

Orientações: Divida a turma em cinco grupos.

Entregue para cada grupo o material complementar sugerido para pesquisa e material para a confecção de um cartaz (cartolina, papel *kraft*, canetinha, lápis de cor etc). Cada grupo fará a pesquisa sobre uma comunidade tradicional.

Peça que as crianças utilizem o material impresso que receberam para descobrir detalhes sobre uma comunidade tradicional e confeccionar um cartaz que será utilizado para que cada grupo compartilhe com a turma suas descobertas.

Se julgar necessário, coloque algumas questões no quadro que sirvam de guia para a investigação das crianças, assim não há risco da pesquisa ficar muito aberta e dos alunos não conseguirem chegar ao objetivo da atividade. Por exemplo:

Onde vive a comunidade tradicional?

Como vive esse povo?

Do que se alimentam?

Como são suas tradições e costumes?

Qual a ligação dessa comunidade com o território onde vivem?

Durante o momento de pesquisa, circule pela sala de aula mantendo-se disponível para esclarecer possíveis dúvidas das crianças sobre o trabalho, sobre as comunidades e sobre os textos.

Disponibilize, também, dicionários ou meios digitais (tablets, computadores) para que as crianças possam pesquisar termos dos textos que desconhecem ou sobre os quais tenham dúvidas.

Vamos pesquisar como vivem algumas comunidades tradicionais do nosso país.

Atenção às orientações!



Comunidades tradicionais e seus territórios

Slide 6 Sistematização

Tempo sugerido: 15 minutos

Orientações: Abra uma discussão com a turma para que os alunos coloquem suas ideias e opiniões sobre a ligação das comunidades tradicionais com o território.

Antes, explique que as comunidades tradicionais têm uma relação muito especial com o território onde vivem e que o território é muito importante para a manutenção da vida e das tradições desses povos.

Depois, abra a discussão. Vá passando pelos quadros com os nomes das comunidades tradicionais estudadas e pedindo que os alunos digam como acham que cada uma delas está ligada ao território onde vivem. Vá mediando a conversa e inserindo informações importantes que as crianças, talvez, não tenham percebido para que elas consigam chegar ao objetivo da aula, ou seja, compreender a ligação das comunidades tradicionais com o território onde vivem.

Vamos pensar...

Como as comunidades tradicionais estão ligadas ao território onde vivem?

comunidades de
fundo de pasto

quebradeiras de
coco babaçu

caiçaras

seringueiros

faxinalenses

Caiçaras

Quando se pensa nos 7.363 quilômetros da costa brasileira é comum fazer uma associação direta com o turismo. O país tem um dos litorais mais paradisíacos e extensos do mundo. Além das belezas naturais, as praias, enseadas e ilhas abrigam inúmeras populações tradicionais. Antes dos europeus chegarem, o litoral brasileiro era repartido por diferentes tribos: Tupis, Tamoios, Tabajaras e Caetés são alguns dos grupos indígenas que viviam na costa e foram expulsos – alguns extintos.

Atualmente, mesmo com a maior parte da faixa litorânea utilizada para o turismo e outras atividades econômicas, principalmente a portuária e a pesqueira, o Brasil ainda abriga **resquícios** de comunidade tradicional no litoral. “Os caiçaras são uma mistura de povos indígenas já extintos, europeus de diversos países e negros, principalmente quilombolas que após processos de ocupação do interior devido aos diversos ciclos econômicos do Brasil colonial, ficaram relativamente isolados nessa estreita faixa de terra entre o mar e a serra, que se estende do sul do Paraná até o centro do Rio de Janeiro”, explica Antonio Carlos Diegues, fundador do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras da Universidade Estadual de São Paulo (Nupaub/USP).

Há, segundo Diegues, os “manesinhos da ilha”, em Florianópolis, e outras comunidades descendentes principalmente de açorianos em todo o litoral sul. Caiçaras são encontrados na maior parte do litoral sudeste e, mais ao norte, podemos encontrar comunidades mais ligadas às raízes africanas, como os jangadeiros e os balseiros, por exemplo, na Bahia e no Maranhão, respectivamente.

O isolamento, no caso, era resultante das dificuldades de locomoção para os centros urbanos. A musicista e cientista social Kilza Setti foi uma das pioneiras a estudar a cultura caiçara, nos anos 1950. Ela relata um de seus primeiros encontros com nativos: “Os caiçaras praticavam em sua oralidade o português arcaico, misturado com muitas palavras de origem indígena”, conta.

Com seus “causos”, histórias, costumes, culinária e música, os caiçaras contribuíram profundamente para a ampliação da diversidade cultural brasileira. A música popular caiçara é muito rica e fonte de estudos por todo o país. Dentro do repertório musical, os nativos constroem seus próprios instrumentos de forma muito rudimentar: rabecas, **machetes**, violas de machete e diversos tipos de tambores e instrumentos de percussão são encontrados nas comunidades, e utilizados em seus fandangos. “O povo caiçara no litoral sudeste guarda preciosas tradições religiosas e profanas. A dança da fita, congada, festa do divino, chiba, dança de São Gonçalo, entre diversas outras, são expressões culturais ainda comumente praticadas. Essas danças e músicas compõem o repertório de músicas caiçaras, o fandango”, explica Setti.

O fandango embala as noites de festejos. Ao som de uma espécie de orquestra que canta as músicas tradicionais, as mulheres agitam suas longas saias. Os homens realizam coreografias que lembram bastante a catira, espécie de sapateado comum no interior do país. Aos poucos, as crianças também entram na brincadeira e o fandango torna-se uma grande confraternização de toda a comunidade. “O fandango está profundamente ligado aos rituais agrários caiçaras, aos mutirões realizados durante a colheita principalmente do arroz, mais ao litoral sul de São Paulo e todo Paraná, e à confecção da farinha de mandioca no resto de seu território. Assim como na construção de suas casas, principalmente de pau a pique, que eram realizadas em conjunto. Primeiro se realizavam as tarefas diárias e, ao final, aconteciam os bailes e comemorações”, diz Antonio Diegues.

Os Caiçaras vivem basicamente da pesca e são excelentes construtores navais, sua embarcação preferida, as “canoas Caiçaras” são sucessoras das canoas indígenas. Antes, quando o Caiçara pretendia construir sua canoa, primeiro tinha que entrar na mata e escolher a árvore, o tipo de madeira iria determinar a qualidade da embarcação. Eram utilizados vários tipos diferentes, a mais conhecida é o cedro por ser muito resistente a ação do mar e também leve. Escolhida a árvore, o Caiçara só cortava na lua nova para evitar pragas, depois de tombada cortava todos os galhos e escolhia o lado mais largo e robusto, com maior diâmetro para a proa, geralmente próximo à raiz e a parte da copa com menor diâmetro a popa. O Caiçara passou a colorir suas Canoas e posteriormente já no Séc. XX utilizou a tinta a óleo deixando-a bem mais colorida. Hoje as canoas não utilizam mais as velas, inclusive a maioria tem até motores, mas por tradição se mantém o local delas na proa (furo no banco).

A agricultura caiçara serve como complemento alimentar dos pescadores e seu principal produto é a farinha de mandioca – consumida em quase todas as refeições – que desde os tempos imemoriais se trata de um substituto do pão europeu e, por isso mesmo, chamada de “pão dos trópicos”. Existe, ainda, uma infinidade de produtos secundários e ervas medicinais. Seus principais produtos são: mandioca, milho, cana, feijão, guandu, inhame, entre outros.

Existem duas principais relações de trabalho nestas comunidades: a pesca, que agrega toda a comunidade e a agricultura, cujos limites são exclusivamente familiares. Ademais, ainda combinam atividades de coleta, extrativismo e artesanato.

Disponível na íntegra em:

ALMEIDA, Allison; GOBI, André; RODRIGUES, Guilherme. **Caiçaras, o tradicional povo do litoral brasileiro**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/caicaras-o-tradicional-povo-do-litoral-brasileiro/>>. Acesso em: 01 mar 2019.

Cultura Caiçara. Disponível em: <<http://www.nacaoecologica.com.br/guaruja/origem/item/152-cultura-caicara>>. Acesso em: 01 mar 2019.

Comunidades de fundos de pasto

É cada vez maior a popularização das **cisternas** no sertão nordestino, solução simples e barata para captar a água da chuva. O sanfoneiro divide espaço com as guitarras de "forró eletrônico". Usado há séculos como meio de transporte oficial do sertanejo, o jegue é substituído pela infinidade de motos. Não é difícil encontrar animais abandonados perambulando pelas estradas.

Muita coisa mudou e continua mudando na região árida. Determinados modos de vida, entretanto, resistem bravamente. Em meio à secura que dificulta a agricultura, o pastoreio segue como base da subsistência de muita gente. Comunidades que, unidas por laços de compadrio e parentesco, usufruem de áreas sem cercamento de forma compartilhada. Esses pedaços de terra atrás das roças das famílias são chamados de "fundos de pasto".

Nos "fundos de pasto", os animais se alimentam da própria vegetação nativa. São alguns bovinos e ovelhas, mas principalmente cabras e bodes. A resistência às **estiagens** e a adaptação alimentar aos produtos da Caatinga fazem deles os preferidos. Cotidianamente, são soltos pela manhã e recolhidos ao curral no fim do dia, quando um sino amarrado no pescoço de alguns deles – cuja tonalidade específica cada dono sabe reconhecer – ajuda na tarefa de localizar o rebanho. Cortes ou marcações a ferro quente nas orelhas também diferenciam os bichos de cada um. "Dizemos sempre que não somos nós que criamos o bode, mas que é o bode que cria a gente", brinca Maria Izete Lopes, moradora da comunidade de fundo de pasto de Boa Vista, em Campo Alegre de Lourdes (BA). "Fazemos tão pouco por ele, e ele nos dá tanto de volta..."

Comunidades que se organizam em fundos de pasto estão presentes num amplo espectro da Região Nordeste – perpassando, por exemplo, Pernambuco e Piauí. É na Bahia, porém, onde tais grupos têm maior visibilidade. Atualmente, existem 487 fundos de pasto identificados pelo governo estadual, que possibilitam o sustento de cerca de 16 mil famílias, espalhadas por dezenas de municípios nordestinos.

Em muitos casos, os atuais grupos de fundo de pasto são formados por descendentes de vaqueiros da chamada Civilização do Couro – período que remete aos primórdios da colonização do sertão, quando se criava gado para fornecer animais de trabalho aos engenhos de açúcar. Eram homens livres que, por seus serviços, recebiam filhotes como pagamento – sistema que perdurou até tempos recentes entre trabalhadores de poucas posses e proprietários de rebanhos maiores. "Aqui sempre sobrevivemos assim, tomando conta da criação de um e de outro. De cada quatro bezerros nascidos, a gente ficava com um", lembra Joaquim da Rocha, um dos mais velhos moradores da comunidade de fundo de pasto de Riacho Grande, em Casa Nova (BA). Os vaqueiros mantinham bois, cabras, carneiros, porcos e roças de subsistência nas terras dos grandes **sesmeiros** – que, via de regra, moravam em centros urbanos distantes. Como

viviam de certa forma isolados, puderam se organizar com relativa autonomia. Seus descendentes formaram comunidades nas quais o pastoreio solto em áreas comuns se explica pela necessidade de socializar a pouca água. Livres, os animais buscam folhagens verdes e açudes naturais formados pela chuva. [...]

Desde tempos remotos, as comunidades de fundo de pasto cultivam relações internas de colaboração mútua, como mutirões para construir casas e organizar festejos religiosos.

Disponível na íntegra em:

CAMPOS, André. **Comunidades de fundo de pasto resistem a pressões**. *Repórter Brasil*. Disponível em:

<<https://reporterbrasil.org.br/2009/09/comunidades-de-fundos-de-pasto-resistem-a-pressoes/>>. Acesso em: 01 mar 2019.

Faxinalenses

Onde há faxinal, há mata. Quase todos os pontos verdes no mapa do Paraná, exceto a área da Serra do Mar e das grandes unidades de conservação, guardam em si pequenos territórios nascidos da relação do homem com a floresta. Essas comunidades existem há pelo menos 200 anos, e por quase todo esse tempo permaneceram em um estado de delicado equilíbrio entre o uso e a preservação do que a natureza dispõe: a atividade econômica e a vida em comunidade.

A única cerca existente é a que circunda os faxinais, servindo de divisa entre as roças de alimentos, situadas do lado de fora e o faxinal em si: área que pode variar de 200 a 1,5 mil hectares onde ficam as casas, a mata e os pastos de criação. Cada um é dono de seus bois, cavalos, porcos e ovelhas, mas a terra é de uso comum, e todos os animais vivem à solta. Também a floresta é comunitária: dela os moradores extraem pinhão, erva-mate e plantas medicinais.

A cultura faxinalense caracteriza-se pelo uso socializado das terras, a idéia de pertencimento e a memória comum, sendo estas características muito presentes na história da ocupação territorial do estado do Paraná. A organização da vida cotidiana é baseada no uso e **gestão comunal** das terras, dos recursos naturais, dos criadouros de animais, no cultivo de culturas diversificadas e nas relações e laços de solidariedade e **reciprocidade**. Possuem diversas práticas tradicionais ligadas à medicina natural, com o uso de plantas medicinais, rezas e benzedeiros. Partilham de uma religiosidade pautada no catolicismo, mas com grande riqueza e **sincretismo** de santos, festas e manifestações religiosas próprias. A origem dos faxinais perdeu-se na memória dos atuais habitantes, remontando em dois ou três séculos atrás.

Perto da capital, um desafio é trabalhar com os jovens. As escolas do campo, nas quais as crianças faxinalenses poderiam desfrutar de um conteúdo e uma prática curriculares voltados à comunidade, ainda são um sonho. “Os professores vêm todos de fora e dizem que os alunos precisam estudar e abandonar nosso modo de vida para ser alguém na vida”, diz Amantino. A comunidade acaba sofrendo com a venda de terras, por parte das gerações mais novas, para a criação de chácaras de veraneio. “As pessoas da cidade compram área de faxinal e não procuram saber como é a vivência da comunidade, inclusive cercando suas terras”, relata Amantino, ressaltando que, com isso, moradores mais antigos ficam sem pasto para os animais, tendo que recorrer à ração.

Disponível na íntegra em:

Faxinalenses. Portal Ypadê. Disponível em: <<http://portalypade.mma.gov.br/faxinalenses>>. Acesso em: 01 mar 2019.

BARTABURU, Xavier. **Faxinalenses do Paraná**. Repórter Brasil. Disponível em:

<<https://reporterbrasil.org.br/comunidadestradicionais/faxinalenses-do-parana/>> Acesso em: 01 mar 2019.

Quebradeira de coco babaçu

Babaçu, em tupi-guarani, significa coco grande. O nome científico é *Attalea speciosa*. *Speciosa*, do latim, quer dizer belo. Belo e resistente, o babaçu nasce sozinho, só com alguma ajudinha de roedores, como cotias e pacas. Eles retiram a parte externa do fruto, facilitando sua germinação e dispersão pela natureza.

Tocantins, Piauí, Pará e, principalmente, Maranhão são os estados onde está a maior concentração da planta. São também os lugares onde estão as quebradeiras de coco, mulheres que tiram do babaçu o sustento de toda a família. Em todo o Nordeste, 350 mil delas trabalham com o aproveitamento do fruto. "O babaçu é tudo na minha vida. Foi com o que criei meus filhos, foi quebrando coco", conta Raimunda Barbosa, 79 anos, a mais velha quebradeira da comunidade. "A gente costuma dizer que uma palmeira é uma mãe que dá sustento a uma família, a vários filhos", emenda a quebradeira Maria da Glória Belfort.

No Maranhão, diz-se que quebrar coco não é ofício que se aprende: já se nasce quebrando babaçu. Francisca de Matos quebra coco desde pequena. Não sabe precisar há quantos anos faz o trabalho, nem ao certo quantos tem de vida. "Não é gostar, é precisão", diz. Nádia Pereira tem 16 anos e quebra coco desde os 7. Aprendeu com a avó e a bisavó. "É melhor [quebrar coco] do que ficar parada. Eu vendo para o comerciante, eu pego, compro roupa, sandália".

Ela mora em uma casa simples. Em vez de portas, um lençol separa o seu quarto, onde dorme em um cantinho. Em vez de guarda-roupa, uma prateleira e sacos abrigam seus pertences. Na cozinha, um monte de arroz vindo da roça do pai. O banheiro fica do lado de fora, como em muitas outras casas da região. Serve só para o banho de balde, com água do poço. As necessidades são feitas no mato.

Do babaçu, nada se perde. Da palha, cestos. Das folhas, o teto das casas. Da casca, carvão. Do caule, adubo. Das amêndoas, óleo, sabão e leite de coco. Do mesocarpo, uma farinha altamente nutritiva. "A gente diz que a palmeira é nossa mãe", resume Francisca Nascimento, coordenadora-geral do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu. O tempo que o cacho com os cocos leva para cair é de exatos 9 meses. E é quando caem que entram em ação as quebradeiras de coco babaçu, grupo de cerca de 300 mil mulheres espalhadas em comunidades camponesas do Maranhão, Piauí, Tocantins e Pará, em uma área de **convergência** entre o Cerrado, a Caatinga e a Floresta Amazônica, especialmente rica em babaçuais. Há gerações essa tem sido a rotina dessas trabalhadoras: passar o dia coletando os cocos e quebrando-os ao meio para extrair sobretudo suas amêndoas, da qual se produz um dos óleos mais **versáteis** da natureza.

No entanto, a maior parte dos babaçuais está em grandes fazendas. As cercas foram erguidas nos últimos 40 anos por fazendeiros interessados em usar aquelas terras para a criação de gado e o cultivo de soja e eucalipto, muitas vezes por meio de **incentivos públicos**. Quanto às palmeiras, ou são derrubadas para a abertura de pastos e lavouras, ou permanecem ali, cercadas e inacessíveis às quebradeiras. “Eles fazem por maldade mesmo”, argumenta Francisca. “Não é porque precisam do babaçu, é porque não querem deixar a área aberta.”

Disponível na íntegra em:

Quebradeiras de coco vivem da exploração do babaçu no MA. *G1*. Disponível em:

<https://reporterbrasil.org.br/comunidadestradicionais/quebradeiras-de-coco-babacu/>

<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2019/01/13/quebradeiras-de-coco-vivem-da-exploracao-do-babacu-no-ma.ghtml>. Acesso em: 01 mar 2019.

Seringueiros

Seringueiro é o profissional que trabalha com a extração do látex, um líquido grosso da árvore chamada Seringueira, matéria-prima da borracha natural. Para a extração do látex, o profissional sangra a árvore, fazendo talhos, e coloca sobre a sangria uma cuia ou bacia para aparar o líquido. Depois o látex é **defumado**, para ser endurecido e transformado em bolas, chamadas pélas, que chegam a pesar até 40 quilos.



Atualmente, já existem muitas técnicas de produção da borracha industrialmente, que elimina as impurezas da matéria-prima e tem como produto final uma borracha resistente e **imperecível**.

As Seringueiras se encontram no meio de florestas e matas, sempre em lugares de difícil acesso, portanto o seringueiro deve sempre conhecer bem a região e as características da árvore. A floresta amazônica é o único lugar no mundo onde as seringueiras crescem em estado selvagem.

Por gerações, os seringueiros fizeram a sua vida através da extração da seiva leitosa (chamado de látex), sem prejudicar as árvores. Os seringueiros são “guardiões da floresta” verdadeiros. Eles fazem tudo o que podem para garantir que as árvores de que dependem se mantenham saudáveis. Cada seringueiro ajuda a proteger até 300 **hectares** de floresta, como parte de seu trabalho – uma área equivalente a quatro campos de futebol!

Infelizmente, a concorrência de mais barato borracha e plantação de borracha feita pelo homem a partir da Ásia tornou mais difícil de encontrar mercados para borracha selvagem amazônico. Graças aos nossos apoiadores, estamos permitindo que os seringueiros no Acre para fazer a maior parte dos ativos líquidos preciosos da floresta, e manter as árvores em pé. O Acre já foi famoso por seus seringueiros, que extraem o látex natural sem prejudicar a floresta. Mas tornou-se mais difícil de um ganhar uma boa vida a partir deste comércio.

Os seringueiros e suas mulheres caçam, pescam e plantam milho e mandioca para fazer farinha. Também coletam borracha e castanha. As crianças nadam, pescam e carregam uma as outras brincando de serem sacos de castanhas.

As famílias moram no meio da floresta, longe umas das outras. O nome que se dá a cada lugar de moradia de uma família no seringal é colocação. Muitas vezes, para chegar de uma colocação à outra, é necessário andar durante horas pela floresta. Por isso, as famílias de seringueiro se encontram de vez em quando em festejos, ocasiões em que os solteiros aproveitam para arrumar casamento.

As casas eram muito simples, feitas de paxiúba, uma palmeira abundante na Amazônia. Dormiam-se em redes e quase não existiam móveis. As casas são palafitas, isto é, construídas sobre estacas, para evitar umidade na época de chuvas intensas, e a entrada de bichos como cobras e onças. Tinham poucas roupas e sapatos, não é necessário armário. O fogão é feito geralmente de barro e só tem uma boca.

Disponível na íntegra em:

Seringueiros. Disponível em: <<https://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-do-brasil/seringueiros>>. Acesso em: 01 mar 2019